

ESTADO DE VIGÍLIA: O FENÔMENO TRANSICIONAL NO AMBIENTE PRÉ E PÓS-ONÍRICO

Fernanda Bender

Tão expressivas quanto a própria carcaça humana sobre as idades da Terra são as recriações mnêmicas das quais ela se sustém – convém, inclusive, que o próprio Shakespeare tenha se expressado a favor das tais, afirmando que “we are such stuff as dreams are made on, and our little life is rounded with a sleep”¹. Os alicerces dos quais as tais recriações mnêmicas se encarregam são aqueles típicos à Psicanálise básica – abarcando as extensões do sono, da vigília, do desejo, dos estados de Consciência e Pré-consciência e, principalmente, aquelas relativas aos estados Inconscientes recorrentes ao homem. Nesta breve pesquisa analítica, a temática visada será a dos estados de vigília no ambiente pré e pós-onírico – e, em sequência, mapear suas influências respectivas em significativos exemplos da literatura ocidental do século XX. Por ser a área mais subjetiva da linguagem, é a expressão literária que abarca os mais imersivos tratamentos das tópicas do devaneio, dos sonhos, dos delírios comuns ao imaginário humano – e que diferem, substancialmente, com o variar dos locais, de suas respectivas culturas e pensamentos.

Primeiramente, o estado de vigília pode – e deve – ser compreendido como um estado ordinário da consciência, complementar ao estado de sono e até certo ponto importante para o rompimento da manifestação da atividade perceptivo-sensorial e motora-voluntária – durante a qual ocorre o aflorar dos sonhos em si. É essencialmente diferente do estado de sono tão somente porque demarca uma transição entre o senso perceptivo de uma realidade compreensível ao indivíduo,

em vias de circunscrevê-lo numa “realidade” possivelmente contrária, mas reconhecível. Este reconhecimento da realidade é, talvez, o viés mais indicado para o tratamento das tópicas literárias a serem discutidas no decorrer da análise. Por enquanto, basta a compreensão de que coexiste nos quadros oníricos uma confluência entre a matéria imaginativa e a matéria decorrente da atividade vigilante – e, conseqüente desta, da atividade perceptivo-sensorial.

Os sonhos são, assim, regularmente associados às representações que estiveram na mente de determinado indivíduo pouco antes de seu adormecer – ou, ainda, pouco *depois* de seu despertar, como visa um dos excertos a serem, sob esta ótica, analisados². O excerto referente a *No Caminho de Swann* – primeiro volume de *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust – visa a análise comparativa de um estado de vigília, natural ao homem, que sucede o período de sono. Por ser Proust, a análise das percepções psicológicas é tanto mais detalhada do que sua existência, invariavelmente curta, assim poderia permitir. A comparação se dará em vias opostas, mas complementares: o excerto de *O Lobo da Estepe*, de Hermann Hesse, trata de uma transição artificial – uma vez que abarca a contingência dos delírios como decorrência não do sonho, mas de efeitos potencialmente alucinógenos e imaginativos – entre o estado plenamente consciente, um pré-onírico e, por fim, um estado onírico em si.

Neste sentido, a similaridade entre seres – entendidos aqui como personagens, coisas, abstrações em geral –, habitual ao homem em estado consciente e, também, em estado de vigília, é reduzida a apenas um reflexo tanto quanto impreciso da semelhança desordenada que impera no âmbito dos sonhos – tópica esta que será tratada na análise de ambos os excertos. Georges Gurdjieff (2003), oferece sua contribuição ao tema afirmando a existência de muitos estados de consciência, sendo apenas um deles o estado de vigília, precedendo ou antecedendo o momento da consciência em si. Os acessos a este estado se dão, em Gurdjieff, por “lampejos da realidade” no qual estão contidos “lembranças de si”. Os pensamentos de vigília

de um indivíduo, portanto, parecem se formar numa “nebulosa” elaboração secundária, na qual o indivíduo reúne consigo uma gama de elementos conscientes e inconscientes – traz, por exemplo, as experiências recentes, captadas pelo ainda perceptivo estado vigilante; assim como também é possível que traga um amontoado de fantasias inconscientes a serem utilizadas na elaboração do sonho. Esta visão, proposta por Garcia-Roza (1991), na premissa de uma interpretação da obra freudiana, abarca ainda outras.

Como já visto, o estado de vigília reúne, por assim dizer, um acervo no qual o sonho se formará, abarcando conteúdos conscientes e inconscientes, reconhecíveis e irreconhecíveis. Este material todo, transposto ao plano do sonho, constitui uma das características principais da manifestação onírica: a capacidade para ser experienciada pelo indivíduo como algo estranho à sua existência – o sonhador não é capaz de reconhecer o sonho exatamente como uma produção sua. Essa distorção submetida ao conteúdo onírico, afirma Garcia-Roza, visa a procedência tão somente da censura.

Completa a tentativa de uma introdução – pois as definições até aqui visaram não mais que isto – às possíveis compreensões do estado de vigília e seu papel na construção e desconstrução do sonho, a análise faz seu curso para dialogar com a essência mesma desta pesquisa: o embasamento literário. Opto por iniciar com *No Caminho de Swann* por, sendo desta obra o maior acervo bibliográfico disponível a respeito, dar certa fluência à temática – temática esta que não deve ser compreendida como uma análise do tratamento dos estados oníricos, ou inclusive dos estados de vigília, presentes no conjunto da obra ou, até mesmo, na completude de *Em Busca do Tempo Perdido*. A análise aqui proposta será limitada tão somente ao plano dos excertos – estes haverão de bastar-se a si mesmos.

No início de *No Caminho de Swann* (1913), o leitor irá se deparar com uma construção literária a que poderíamos chamar universal – “Um homem que dorme

mantém em círculo em torno de si o fio das horas, a ordem dos anos e dos mundos”. Dentro em breve, no decorrer do parágrafo, o narrador passará do sono do homem universal ao sono do homem particular – no caso, ele mesmo. Ao tratar do sono no plano do homem universal, o narrador assume a responsabilidade por uma afirmação que salta do plano literário e perpassa outros, inclusive discutidos no início desta pesquisa. É de Gurdjieff (2003) a visão de que, no indivíduo, atrelado a si, às funções de seu organismo e, sobretudo, atrelado ao seu sono, coexistem conexões – “o fio das horas, a ordem dos anos e dos mundos” – a partir das quais este homem mesmo se fixa, por exemplo, no local em que se encontra, na época em que se encontra e, principalmente, aos elementos que garantirão a ele sua individualidade própria.

Seguindo a mesma teoria, é quando estas conexões progressiva ou abruptamente se rompem que o indivíduo abandona sua presença ambivalente no plano real e no plano onírico de sua existência. O rompimento dos “fios” constitui, portanto, uma escala gradativa por intermédio da qual se dará a transição entre os estados conscientes e inconscientes. Assim como têm a capacidade de se romperem, os “fios” mesmos reconstituem-se no caminho de volta ao plano real, no qual o homem anda sem titubeios – “Ao acordar, consulta-os instintivamente”. Em Proust, a experiência nem um pouco difere desta busca mesma pela localização de um indivíduo em sua própria vida. Quando o leitor vê-se circunscrito pelo âmbito “particular” do narrador, entra em contato com um homem que, após ter dormido, desperta sem a consciência – ou sem as conexões que lhe “amarram” ao seu mundo – e desesperadamente começa, com o corpo e com a alma, a trabalhar nesta procura por si – por seus valores, pela memória cultural impressa em suas ações, pela memória do toque ou, inclusive, “das costelas”. O homem, universal ou particular, leva um segundo ou dois, no máximo, na performance desta tarefa de descoberta de um eu que ele havia esquecido – ou que, antes, lhe parecia inegavelmente estranho e dissociado de si mesmo. O próprio Proust afirma que,

quando o homem desperta, tão disperso de si está que tem a impressão de que “sentiu-se prazer em outra vida que não a nossa”, (1988, p.117).

Freud, n'*A Interpretação dos Sonhos* (1901), afirma que, nos estados de vigília, os processos psíquicos efetuam um percurso *progressivo*, que parte do polo perceptivo para o motor, ampliando, desta forma, a capacidade do indivíduo para a abrangência do real. No plano do sonho se daria justamente o contrário: a excitação se movimentaria no sentido *regressivo*, do polo motor para o perceptivo, em busca da matéria mesma do estado de vigília – isso explicaria, segundo Freud, o caráter alucinatório do sonho; assim como também explicaria parte da dificuldade da tentativa de um regresso posterior e anterior, pois o processo de entrada no estado onírico não se deu lá sem seus entraves. Neste sentido, a certeza que move o narrador/indivíduo a se posicionar no mundo – “A imobilidade das coisas que nos cercam talvez lhes seja imposta por nossa certeza que essas coisas são elas mesmas e não outras” – é uma construção inconsciente e diária. O indivíduo replica e reflete a si próprio nos objetos que possui e também nos que não possui, assim é, também, com as pessoas que o cercam, com a vida que ele doma, com a memória de suas experiências e também daquelas as quais ele aspira – é a própria “vida distraída” diante do que o homem ignora ser importante, “atento ao que talvez não seja” (Proust, 1988). Por intermédio dessas “âncoras” fixadas à sua realidade individual é que ele próprio, o indivíduo, poderá permitir-se regressar a construção que efetuou de si – regresso este permitido, e facilitado, pelos movimentos internos de *progressão* e *regressão*.

Em *O Lobo da Estepe* (1927), o caminho percorrido pelas vias analíticas do estado de vigília se trata essencialmente de um outro – mas, também, essencialmente de um mesmo. Inabalável é o próprio estado de vigília, recolhendo da realidade consciente experiências, expectativas, pensamentos, que seja – reunindo, enfim, o sulco do homem em seu estado de atividade –, e resgatando

também fantasias de, talvez, muito além. Esta “amontoação” visa, como já foi visto, a composição do sonho – estado inconsciente no qual borbulham desejos, repreensões, banalidades sem fim, sem coerência exata com a realidade acostumada pelo estado consciente –, na qual nem todo o material precisa ter sua utilidade funcional.

A diferença crucial entre *No Caminho de Swann* e *O Lobo da Estepe* – não em sua essência, que visaria um trabalho exterior, mas unicamente no viés que compete à presente pesquisa – é que os indivíduos com os quais o leitor entrará em contato, em vias de descobrir e participar de sua intimidade, são no primeiro caso antepostos aos olhos externos e, no segundo caso, construídos ao bel descanço do autor. São construções diversas – talvez por conta de narradores diversos, por conta de propósitos diversos. Aqui, nas margens de *O Lobo da Estepe*, no mínimo ousa-se dizer que o propósito da escrita é oferecer ao protagonista a experiência de uma reconciliação consigo mesmo e com a vida que o circunscreve. Harry Haller tem de passar por provações que competem tão somente a si e ao lobo que carrega – “nada lhe posso dar que já não exista em você mesmo” – para que sua crença não seja de todo extinta. O próprio Hermann Hesse afirma, no prólogo de 1941 em diante, que este “não é um livro de um homem em desespero, mas o de um homem que crê”.

Por depender exclusivamente das armas que carrega, a “luta” de Harry Haller se dará parcamente com as ferramentas que possui: a carga imaginativa, sensível e emocional. Por intermédio delas é que chegará aos elementos que proporcionarão uma experiência redentora de si para si; do que há de humano no homem que é diante da vida que escolheu; diante das propostas assustadoras de sua identidade e, sobretudo, diante das lições que ele, a tanto custo, ainda não havia aprendido. Essa aprendizagem é, para ele, árdua e trôpega – não se pode dizer com certeza que tenha cumprido seu propósito; mas nós, leitores, permanecemos com a premissa de que isto um dia haveria de se dar.

É, portanto, com a [enfim] entrada no Teatro Mágico que se dá o início do excerto a ser analisado. Além de si mesmo – na teoria proposta por Barry Stephenson –, Harry Haller conta com duas projeções de si, desdobramentos das armas que possui – uma, Hermínia, a mulher que emula sua personalidade em vias de pôr em apaziguamento as dualidades e rebeldias de seu próprio ser; outra, Pablo, aquele que fornece a abertura das portas que o condicionam a abarcar o sonho que o espera e que foi, também, imensamente esperado. Não existem dúvidas – isto é, nos leitores que optam por dar à obra um tratamento realista – de que a experiência onírica da entrada no Teatro Mágico se resume a estadia de três pessoas – se forem verdadeiramente personificadas as projeções – sentadas envolta a uma mesa, numa sala de luz azulada. É aí que se dá a ingestão dos componentes que abrirão as portas mesmas da percepção.

Outros elementos da obra que contribuíram para a crucial entrada de Harry Haller no Teatro Mágico – tais como o letreiro na parede de pedra, tais como o tratado panfletado que recebe, ou até mesmo como o próprio conhecimento que se deu entre Harry e Hermínia – têm grande chance de tão somente participarem de um repertório imaginativo do próprio Harry, assim como também o lobo que vive nele tem chances de o ser. Os Imortais – estes que transitam pela obra gargalhando (e esta é, de fato, uma das lições) – devem também, neste viés, ser vistos não como personagens independentes de Harry, mas como mais de suas projeções, desta vez apenas do que há de imortal nele próprio. A obra toda deve ser analisada a partir dos “fios” – retomando Proust – com os quais Harry Haller tenta se estabelecer numa realidade que possibilite o sentido que, em sua existência, ele procura.

Recapitulando, o estado de vigília pré-onírico é, em *O Lobo da Estepe*, aquele mesmo em que Harry Haller angaria os elementos que tornariam a experiência onírica possível – isto seria, talvez, recorrente em grande parte da obra, revelando ao leitor que não apenas Proust mescla imperceptivelmente o limiar entre a consciência e a inconsciência. Agora, pegando as rédeas de Freud sobre os

movimentos internos da transição consciente-inconsciente – ou vice-versa, dentro das noções de *progresso* e *regresso* –, o ponto crucial a ser tratado [aqui] é a noção do manifesto do desejo como conciliador deste estado transitório. Se, para Freud, o sonho é invariavelmente a realização de um desejo – não estando a presente análise capacitada para julgar se convém a este o prazer ou o desprazer –, e não apenas de um desejo qualquer, mas de um desejo *infantil*, talvez convenha à análise regressar a si mesma num ponto não abarcado no excerto – aquele referente ao *Tratado do Lobo da Estepe*.

É admissível, por exemplo, que, em sua infância, fosse rebelde, desobediente e anárquico, o que teria levado os educadores a tentar combater a fera que havia nele, dando ensejo assim a que se formasse em sua imaginação a ideia e a crença de que era, realmente, um animal selvagem, coberto apenas com um tênue verniz de civilização. (Hesse, 1927)

É na regressão – movimento interno ao sonho – que se atingem os traços mnésicos desta fase da vida. Desta forma, o fato de os sonhos contarem com elementos empíricos tanto recentes quanto distantes, em termos temporais, evidencia que neles há também o manifesto de desejos atuais, reminiscência de *pulsões* e *castrações* ocorridos em tenra idade – fase em que se manifestam as pulsões que darão embasamento psicanalítico à vida adulta. Este redirecionamento de significado se explicaria pela noção freudiana de *transferência*, na qual os desejos inconscientes – impressos no ser psíquico – exprimem-se entre os restos pré-conscientes, dentre outros, também do estado de vigília, que encontram em seres/objetos um viés de expressão e de realização satisfatória. Há, portanto, uma mescla dos desejos impressos numa criança, por intermédio de sua primordial negação, com os desejos atuais – estando estes entre os que o indivíduo construiu ao longo do tempo e das experiências sofridas.

A sanção que o pequeno Harry Haller [possivelmente] sofreu por seu comportamento imprimiu em seu inconsciente não apenas a certeza deste

comportamento, mas também a certeza de sua negatividade e o desejo por um apaziguamento – visa, deste então, pelo cessamento da luta entre este “ser” (o lobo) que é tão primordial em sua existência quanto o próprio menino, de si para si, assim o seria. Todo pensamento humano carrega por trás de si o desejo, e toda atividade psíquica visa a realização destes desejos – até mesmo a atividade que não se compõe em matéria de sonho, mas da mesma matéria delirante e irracional a qual, por impulsos externos, pode um indivíduo qualquer induzir a si mesmo a entrar. O menino – e, também, o homem – Harry, que se viu impedido de satisfazer de forma livre e espontânea seus desejos – sejam eles quais forem, se ver livre do lobo ou viver na pele própria deste –, arranjou inconscientemente formas alheias de destravar a censura imposta à sanção impressa em seu psiquismo. E as tais “formas alheias” culminaram na experiência psicodélica advinda de narcóticos *y otras cosas más*.

São, enfim, dois tratamentos diversos à questão do estado de vigília como movimento de transição no plano dos estados consciente-inconsciente, do século XX.

Ainda assim, na literatura ocidental anterior a data em questão estes exemplos não são raros – ao contrário, estão bastante difusos no imaginário literário, recebendo tratamento de, por exemplo, autores como De Quincey – com o seu *Confissões de um Comedor de Ópio* –; Baudelaire – com *Paraísos Artificiais* –; Mallarmé – *Sesta de Um Fauno*, que prenuncia a estética surrealista do século XX –; Machado de Assis – com, por exemplo, o conto *A Chinela Turca*; Lovecraft – que chegou a construir um mapa do mundo dos sonhos e da vigília para embasamento da série mitológica que escreveu; por aí, muitos outros. Informações remanescentes a respeito do estado de vigília podem ser encontradas com a leitura do Manifesto Surrealista, de Breton.

A escolha dos excertos se deu, justamente, nos exemplares disponíveis do

tratamento da tópica que pareceram a mim os mais substancialmente abstratos e dialógicos – capazes de configurar às personagens não apenas uma experiência onírica, mas sobretudo a essência de uma busca pela definição de si mesmos enquanto indivíduos. Tanto a experiência descrita por Proust quanto a descrita por Hesse, neste sentido, são riquíssimas, capazes das abstrações mais bárbaras pelo desemaranhar – ou, talvez, pelo próprio emaranhar – da dicotomia que é a própria percepção humana.

ANEXOS

NO CAMINHO DE SWANN, Marcel Proust **p.11-12**

“Um homem que dorme mantém em círculo em torno de si o fio das horas, a ordem dos anos e dos mundos. Ao acordar consulta-os instintivamente e neles verifica em um segundo o ponto da terra em que se acha, o tempo que decorreu até despertar; essa ordenação, porém, pode-se confundir e romper. Se acaso pela madrugada, após uma insônia, vem o sono surpreendê-lo durante a leitura, em uma posição muito diversa daquela em que dorme habitualmente, basta seu braço erguido para deter e fazer recuar o sol, e, no primeiro minuto em que desperte, já não saberá da hora, e ficará pensando que acabou apenas de deitar-se. Se adormece em uma posição ainda mais insólita e contrafeita, por exemplo sentado em uma poltrona depois do jantar, dar-se-á então uma completa reviravolta nos mundos desorbitados, a cadeira mágica o fará viajar a toda velocidade no tempo e no espaço, e, no momento de abrir as pálpebras, pensará que está deitado alguns meses antes, em uma terra diferente. Quanto a mim, no entanto, bastava que estivesse a dormir em meu próprio leito e que o sono fosse bastante profundo para relaxar-se a tensão de meu espírito, o qual perdia então a planta do local onde eu adormecera;

assim, quando acordava no meio da noite, e como ignorasse onde me achava, no primeiro instante nem mesmo sabia quem era; tinha apenas, em sua singeleza primitiva, o sentimento da existência, tal como pode fremir no fundo de um animal; estava mais despercebido que o homem das cavernas; mas aí a lembrança – não ainda do local em que me achava, mas de alguns outros que havia habitado e onde poderia estar – vinha a mim como um socorro do alto para me tirar do nada, de onde não poderia sair sozinho; passava em um segundo por cima de séculos de civilização e a imagem confusamente entrevista de lampiões de querosene, depois de camisas de gola virada, recompunha pouco a pouco os traços originais de meu próprio eu.

A imobilidade das coisas que nos cercam talvez lhes seja imposta por nossa certeza que essas coisas são elas mesmas e não outras, pela imobilidade de nosso pensamento perante elas. A verdade é que, quando eu assim despertava, com o espírito a debater-se para averiguar, sem sucesso, onde poderia achar-me, tudo girava em redor de mim no escuro, as coisas, os países, os anos. Meu corpo, muito entorpecido para se mover, procurava, segundo a forma de seu cansaço, determinar a posição dos membros para daí induzir a direção da parede, o lugar dos móveis, para reconstruir e dar um nome à moradia onde se achava. Sua memória, a memória de suas costelas, de seus joelhos, de suas espáduas, apresentava-lhe, sucessivamente, vários dos quartos onde havia dormido, enquanto em torno dele as paredes invisíveis, mudando de lugar segundo a forma da peça imaginada, redemoinhavam nas trevas. E antes mesmo que meu pensamento, hesitante no limiar dos tempos e das formas, tivesse identificado a habitação, reunindo as diversas circunstâncias, ele – meu corpo – ia recordando, para cada quarto, a espécie de leito, a localização das portas, o lado para que se davam as janelas, a existência de um corredor, e isso com os pensamentos que eu ali tivera ao adormecer e que reencontrava ao despertar.”

O LOBO DA ESTEPE, Hermann Hesse

p. 154-156

“O bom sujeito nos tomou delicada e cuidadosamente o braço, Hermínia à direita, eu à esquerda, e nos levou escadas a cima, até um quarto circular, iluminado por uma luz azulada que vinha de cima, e quase vazio, pois havia ali apenas uma mesinha redonda com três cadeiras, em que nos sentamos.

Onde estávamos? Dormíamos? Estava em minha casa? Seguia no assento de um carro? Não, estava sentado no quarto iluminado por uma luz azul, numa atmosfera rarificada, num leito de irrealidade. Por que Hermínia estava tão pálida? Por que Pablo falava tanto? Não seria eu talvez quem o fazia falar, quem falava por sua boca? Não contemplava também através de seus olhos negros a minha própria alma, o tímido pássaro perdido, igual aos olhos acinzentados de Hermínia?

Com toda sua bondosa e um tanto cerimoniosa amabilidade, o amigo Pablo nos contemplava e falava, falava sem cessar. Ele, a quem nunca ouvira falar coerentemente, a quem nunca interessavam as discussões, falava agora incessantemente, com sua voz cálida, fluida e sem uma só falha de dicção.

– Amigos, eu os convidei para esta pequena diversão, que Harry tanto desejava, com a qual sonhou tantas vezes. Certamente é um pouco tarde e estamos todos cansados, ao que parece. Por isso descansaremos aqui, a fim de recobramos as forças.

De um nicho da parede, tomou três copos e uma graciosa garrafinha, apanhou uma exótica caixa de madeira escura, encheu os copos com o licor da garrafa, tomou da caixa três finos cigarros, longos e amarelos; tirou do bolso de sua jaqueta de seda um isqueiro e acendeu nossos cigarros. Fumamos todos, atirando o corpo para trás sobre o respaldo de nossas cadeiras, fumamos lentamente o cigarro, cujo fumo era espesso como o do incenso, e bebemos um pequeno sorvo líquido

agridoce, como se estivéssemos cheios de gás e tivéssemos perdido a gravidade.

Assim sentados, fumamos em pequenas tragadas, descansamos, libando lentamente a bebida, e nos sentimos mais leves e alegres. Então Pablo falou debilmente, com sua cálida voz:

– É para mim uma alegria, meu caro Harry, poder tê-lo um instante como hóspede. Você tem andado frequentemente desgostoso com a vida e com ânsias de deixá-la, não é verdade? Tem ansiado abandonar este tempo, este mundo, esta realidade, e entrar numa outra realidade que lhe seja mais adequada, num mundo intemporal. Pois faça-o, meu amigo, eu o convido a isto. Você já sabe onde oculta-se este outro mundo, já sabe que esse outro mundo que busca é a sua própria alma. Só em seu próprio interior vive aquela outra realidade porque anseia. Nada lhe posso dar que já não exista em você mesmo, não posso abrir-lhe outro mundo de imagens além aquele que há em sua própria alma. Nada lhe posso dar, a não ser a oportunidade, a chave. Eu o ajudarei a tornar visível seu próprio mundo, e isso é tudo.”

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Luís M. *Freud, Jung, Lacan: Sobre o Inconsciente*. 1 ed. Porto: U.Porto Editorial, 2013.

BERSANI, Leo. *Marcel Proust: The Fictions of Life and Art*. 1 ed. New York: Oxford University Press USA, 2013.

FREUD, Sigmund. *A interpretação de sonhos (1900-1901)*. Parte II, vol. V. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

GURDJIEFF, George Ivanovitch. *Gurdjieff fala a seus alunos*. 1 ed. São Paulo: Editora Pensamento, 2003.

HESSE, Hermann. *O Lobo da Estepe*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

MILECK, Joseph. *Hermann Hesse: Life and Art*. 1 ed. Oakland: University of California Press, 1981.

PROUST, Marcel. *No Caminho de Swann*. 1 ed. São Paulo: Globo Livros, 1982.

SOUZA, Ricardo Luiz de. *Marcel Proust e os Paraísos Perdidos*. 1 ed. Porto Alegre: Editora Univeritária da PUCRS, 2014.

SPELLBERG, Matthew Moscicki. *Art and Dream in Marcel Proust*. 1 ed. Harvard: Harvard University Press, 2009.

STEPHENSON, Barry. *Variations and Revolt: Hermann Hesse and Swabian Pietism*. 1 ed. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 2009.

Fernanda Bender é graduanda em Literatura Inglesa pela Universidade de São Paulo, tradutora de dois títulos, dentre os quais o romance *The Bostonians*, de Henry James, e o livro de poemas *The Book of Repulsive Women*, de Djuna Barnes.